SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVI

JULHO DE 1970

N.º 303

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

LONGE DA ADOLESCÊNCIA

MAS PRÓXIMO DO ADOLESCENTE

por ADOLFO ARISTEGUIETA GRAMCKO

Temos já dito que a acção educativa do Grupo de Escoteiros repousa num pequeno grupo — a patrulha. O Escotismo definiu-a, deu-lhe um programa e inspirou-lhe «valores permanentes», mas tal objectivo não poderia ter sido atingido sem o concurso do adulto. A forma como o adulto é integrado no programa escoteiro merece, no entanto, consideração. Embora responsável, o adulto está ligado ao «objecto» para que trabalha por um laço de afecto que se exprime por meio da amizade. Os responsáveis são pessoas que estão «com» e não «face a».

Um dos responsáveis está mais próximo da patrulha do que qualquer outro. Aquele cuja função é coordenar o trabalho, encontrar as ideias e o meio de as realizar. Este responsável é o chefe de tribo, o «*Scoutmaster*», segundo a expressão inglesa que é também aquela que me parece mais feliz. Cada vez que pretendemos ocupar-nos das bases pedagógicas do Movimento, o chefe de tribo deve reter largamente a nossa atenção.

Primeiramente, o chefe de tribo é quase sempre, e assim deve ser, um homem jovem, alguém que é já homem, mas que era, há pouco tempo ainda, um adolescente. Alguém que se pode «mover» nos dois campos sem que lhe seja necessário fixar-se num ou noutro. O seu desenvolvimento físico dota-o de uma capacidade geralmente indiscutível no seio do grupo que dirige.

Intelectualmente, dispõe duma soma de conhecimentos e de experiências que lhe permite agir em segurança, que dá a firmeza indispensável a todo aquele que pretende ser «chefe», a serenidade face ao problema a resolver. No domínio profissional ou escolar tem um considerável avanço; já transpôs as etapas que outros se aprestam a passar. Está próximo da emancipação na medida em que o seu trabalho é útil, em que se integra numa sociedade. Emocionalmente, tem também ultrapassado algumas etapas, sem que este avanço que lhe reconhecemos signifique que o consideramos já com uma personalidade emocionalmente equilibrada. Tenta-se sòmente sublinhar que, no domínio emocional, o chefe de tribo se encontra no mesmo caminho, mas mais avançado.

No meio familiar, é um «ex-adolescente», um filho que em cada dia adquire novas liberdades, conquistadas ou concedidas, que cada vez se encontra mais confortado com a sua própria responsabilidade. A sua opinião toma cada vez um maior peso na determinação da acção. Não recebeu ainda os encargos que implicam uma profissão e uma família, mas está no caminho que a isso conduz. A função social do homem jovem começa a definir-se nos seus diversos aspectos.

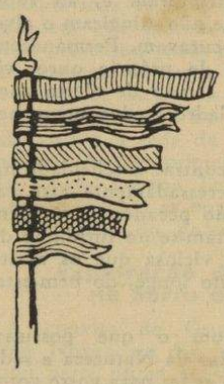
Por todas as razões que temos indicado, o chefe de tribo é um personagem que se afasta da «Adolescência», mas que está próximo do «Adolescente». É uma posição intermédia entre a idade adulta e a juventude; e esta situação de adulto, se bem que não esteja ainda totalmente realizada, dá-lhe uma posição privilegiada da sua função educativa frente aos adolescentes. Estes são por definição seres na defensiva, que aceitam dificilmente o adulto; para eles, um adulto é sempre uma autoridade de que é preciso libertarem-se, um obstáculo a vencer, alguém que sempre exige e sempre pede, e que nos melhores casos só dá alguma coisa «em troca». Esta posição intermediária do chefe de tribo, ainda adolescente para certas coisas, já adulto para outras, permite diálogo. Pode-se aproximar sem receio; não sendo «Adulto», não deve ser tão genial, tão consumado, tão formidável, como o adulto. É um personagem que já «não pode» fazer certas coisas, semelhantes àquelas dos adolescentes. Isto coloca-o num terreno de igualdade, engendra uma relação sincera que permite obter mais fàcilmente a confiança dos adolescentes que dirige.

Històricamente, o chefe de tribo ultrapassa os seus escoteiros em algu-

Continua nas págs. 6-7

XIACNAC

O Eng.º Nobre Santos fala-nos do próximo Acampamento Nacional



Entre escoteiros, um acampamento nacional é acontecimento de certo vulto, motivo de preparação especial nos grupos, onde os rapazes são estimulados para um aperfeiçoamento dos seus conhecimentos técnicos e até do seu comportamento familiar e escolar.

Era assim noutro tempo e certamente que continua a ser nos nossos dias, embora em relação ao XIACNAC pouco tenha chegado ao nosso conhecimento dessa febril actividade dos grupos que antecede as grandes actividades.

Já quase em cima da realização do XIACNAC, quisemos recolher as impressões que a própria Chefia Geral possui daquele acampamento. Não foi difícil localizarmos o Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto, eng.º Nobre Santos, que amàvelmente se dispôs a responder-nos a algumas perguntas:

— Há muito entusiasmo nos grupos pela realização do próximo Acampamento Nacional?

— «Há bastante entusiasmo e tenho recebido certo número de indicações, embora essas indicações não sejam tão concretas quanto gostaríamos porque a participação depende essencialmente da possibilidade de férias, de possibilidades financeiras e até da autorização das famílias, dependentes, muitas vezes, dos resultados obtidos nos exames. Gostaríamos de ter essas indicações com certa antecedência, mas o que é facto é que em absoluto e concretamente não temos indicações muito seguras. No entanto, tem havido muitas respostas e bastante entusiasmo».

— Quantos escoteiros calcula estarão presentes?

— «Como se depreende da resposta anterior, não posso dar números definitivos, no entanto, é possível que se possam juntar à volta de 300 ou 350 escoteiros».

Continua na pág. 4

Alexandre Herculano

por LUÍS SIMÕES AURÉLIO

(Continuação)

III

Na tranquilidade da sua casa na Ajuda, não longe do Palácio Real, na qual residiu cerca de trinta anos, Alexandre Herculano vai iniciar as horas mais gloriosas da sua prodigiosa actividade. As paredes daquela casa, o Ermitério da Ajuda, como lhe chamavam os seus contemporâneos, iriam ver o Mestre escrever, entre os anos de 1844 e 59, as páginas que lhe dariam a imortalidade: *Eurico, o Monge de Cister, O Bobo,* a *História de Portugal* e a *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal.*

Mas a doce tranquilidade da mansão do Mestre iria ser perturbada, essa calma e repousante tranquilidade que a natureza de Herculano e os seus estudos lhe exigiam. O aparecimento, em 1846, do 1.º volume da *História de Portugal,* levanta uma tempestade de protestos, partidos principalmente do clero, pelo facto do historiador ter omitido o milagre de Ourique, ao referir-se à célebre batalha, que reduziu às dimensões dum acontecimento guerreiro da época em que se produziu.

Insultado, acusado de herege, ímpio e outros epítetos mais, por parte de certa imprensa, Herculano, trabalhando imperturbàvelmente na continuação da sua *História de Portugal,* que tanto alarido levantara, sofre silenciosa e resignadamente, durante quatro anos, todos os ultrajes. Mas a sua dignidade de homem e escritor, a probidade dos seus métodos de interpretação da história e consequentemente de historiador, pedem-lhe um desforço e, descendo à liça, Herculano, no meio da preocupação absorvente que lhe exigia a continuação da obra encetada à qual se votará com tanto amor, tem ainda tempo para escrever esses dois notáveis monumentos *Eu e o Clero* e *Solemnia Verba,* publicados em 1850, saídos da sua pena de vigoroso polemista e nos quais dá aos seus detractores magistral lição de como se escreve a História. Contudo, os inimigos não desarmam e, então, Herculano dá à estampa, entre os anos de 1854/59, os três volumes da *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal,* em cujo admirável e oportuno Prefácio o autor explica as razões que o levaram à publicação desta obra.

Herculano, homem do povo que jamais esqueceria a sua origem, apesar de viver junto de reis, — D. Fernando e mais tarde D. Pedro V frequentes vezes o visitaram no Ermitério da Ajuda — a propósito de uma homenagem que lhe quiseram prestar e à qual se escusou, escreveu estas palavras:

«Pertenço pelo berço a uma classe obscura e modesta, quero morrer onde nasci».

Jamais as honrarias o deslumbram e, tendo sido por mérito próprio membro da Academia das Ciências, desta saiu por incompatibilidade com os seus confrades.

D. Pedro V tinha particular afeição por Alexandre Herculano que este retribuía com profunda admiração pelas qualidades do jovem rei, a quem considerava em seu conceito «um filho de D. João I, um D. Duarte transviado no século XIX». Poder-se-á avaliar da profunda amizade que unia estes dois homens de elevada nobreza de carácter, dois espíritos superiores, por estas palavras que o eminente historiador escreveu a seu respeito:

«Aquela alma, tão rica de abnegação quanto o era de afectuosa simpatia para com todos os oprimidos, para com tudo o que padece, comprazia-se em fitar a vista em olhos que não se abaixassem diante dos seus, em encontrar na ideia alheia a resistência à própria ideia. Não tinha ciúme duma soberania superior à sua, a da razão, nem o humilhava a dignidade que equivale no súbdito à majestade do rei».

(Continua)



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

A conquista da felicidade pelo escotismo

O exercício da felicidade, o empenho de a proporcionar a todos os que de nós dependam ou connosco convivam é o processo seguro de a conquistar e tem sido a ignorância desta verdade fundamental que tem decepcionado aqueles que a buscam por caminhos incertos.

Imagina-se que é a abundância que proporciona a felicidade, que o dinheiro é a fonte donde pode brotar o fluxo perene do bem-estar. Por isso o procuram àvidamente, para o alcançarem ignoram o sofrimento que os rodeia, espalham a desventura, recusam contribuir para a felicidade daqueles que os cercam e, muitas vezes, os ajudam mesmo a criar riqueza; amontoam bens, produto de esforços que não retribuíram e, ao cabo verificam confusos que não atingiram o alvo que sôfregamente procuravam. Permanecem insatisfeitos, escravos do próprio ouro, vivem em permanente estado de alerta com medo do fogo, dos ladrões, dos maus negócios.

Outros julgam encontrar a felicidade no prazer e seguem interessadamente esse caminho. Afundam-se no pecado, corrompem e corrompem-se, esgotam-se no turbilhão de uma vida material e viciosa que os afasta para longe, para muito longe, do bem-estar que procuravam.

«Contentai-vos com o que possuís». Admirai as coisas belas da Natureza e sede gratos ao Criador que as fez para vosso gozo. «Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos»; tereis assim alcançado verdadeiramente o único caminho que conduz à felicidade.

Estai prontos a viver felizes e a morrer felizes. Sede sempre fiéis à vossa Promessa de Escoteiros, mesmo quando fordes adultos e que Deus vos abençoe — foram estas as últimas palavras do Chefe. Que cada Escoteiro as possa escutar e pôr em prática.

DE SINTRA

Os escoteiros do Entroncamento visitaram os escoteiros de Sintra

e foram portadores de uma mensagem do presidente da Câmara Municipal daquela vila para o presidente da Câmara de Sintra

No domingo, dia 14 de Junho, escoteiros e familiares do Grupo 84, do Entroncamento, deslocaram-se a Sintra, em autocarro e automóveis, de visita ao Grupo 93, em retribuição da que este fizera ao Entroncamento. O Chefe do «84», Sr. Aníbal Horta, foi portador de uma mensagem de saudação do presidente da Câmara Municipal do Entroncamento, sr. Eugénio Dias Poitout, para o presidente da Câmara de Sintra, Sr. António José Pereira Forjaz. Nota interessante é que ambos os presidentes são antigos escoteiros, tendo o sr. Poitout sido Chefe do Grupo 84 e o sr. Pereira Forjaz membro fundador do Grupo 93.

Os escoteiros instalaram-se no Parque das Merendas, onde tomaram o seu almoço e passaram alegres horas de convívio. O sr. Presidente da Câmara de Sintra dignou-se deslocar-se àquele Parque onde lhe foi entregue a mensagem do sr. Presidente da Câmara do Entroncamento, tendo sido saudado pelos Escoteiros. Estiveram presentes os srs. Eng.º Nobre Santos, chefe-geral adjunto; Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal, e os dirigentes dos Grupos 84 e 93.

Os excursionistas visitaram ainda o Jardim de Monserrate e a sede do Grupo 93.

36.º aniversário do Grupo n.º 93

Para comemorar o aniversário da fundação do Grupo 93, efectuou-se nos dias 20 e 21 de Junho um acampamento na Quinta da Correnteza, em Sintra, no qual participaram escoteiros do 93, do 8 e da sua secção na Azambuja. Na noite de sábado, realizou-se um fogo de conselho, que decorreu no meio da maior animação e teve a presença de muitos amigos do grupo.

No domingo, de manhã, os escoteiros acampados desfilaram até ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde depuseram um ramo de flores como homenagem aos escoteiros mortos em combate. Esteve presente o sr. Capitão António Gomes Rocha, presidente da Delegação de Sintra da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, que proferiu palavras alusivas à cerimónia, bem como o sr. Coronel Joaquim Duarte Borrego, antigo escoteiro-chefe e um dos mais antigos escoteiros portugueses. Assistiram ao acto muitos familiares dos escoteiros e amigos do «93». Notou-se a falta de muitos dirigentes e escoteiros dos grupos de Lisboa, que tinham sido convidados.

À tarde, na sede, foi servida uma merenda aos escoteiros e seus convidados, estando presente o Director do «Sempre Pronto» e o Redactor M. Garcia.

Festa de convívio

Com a presença de antigos e actuais escoteiros, na noite de 24 de Junho, dia do aniversário, efectuou-se na sede uma reunião de convívio, que decorreu na melhor camaradagem.

As comemorações encerraram-se com uma sessão cinematográfica no Cine-Teatro da Vila, oferecida pelo Grupo e por gentileza dos proprietários da sala, em que foi projectado o filme «Gente Nova», de Walt Disney. — C.

ÚLTIMAS NOVIDADES DO XIACNAC

Como temos anunciado, é no próximo mês de Agosto, do dia 14 ao dia 23, que se realiza no Parque de Escotismo da Caparica o XI Acampamento Nacional da AEP.

MARCHA DO XIACNAC

O Xiacnac já tem marcha. Entre os três trabalhos concorrentes, foi escolhido o da autoria do nosso colaborador Manuel Tacão Monteiro, que prossegue assim a tradição de ser o autor das músicas das marchas dos últimos acampamentos nacionais.

Os outros trabalhos devem-se ao sr. Manuel Viegas Custódio, antigo escoteiro do Grupo 12, e ao sr. António Jorge da Silva Gonçalves, escoteiro do Grupo 79.

CONCURSOS

O concurso «Como antevejo o Xiacnac» só teve um participante! Trata-se do escoteiro Luís Miguel Alves Ribeiro de Carvalho, da patrulha Cão, do Grupo 94, de 14 anos de idade.

Conforme se diz na circular da Chefia-Geral, foi-lhe atribuído um prémio de estímulo — 50$00 — em virtude de não ser possível estabelecer uma classificação por só haver um concorrente. Presume-se que o facto de não ter recebido o 1.º prémio se deve a esta contingência de não haver outros concorrentes e não ao valor do trabalho apresentado.

O Concurso de Cartazes está despertando expectativa. No entanto, o seu vencedor só será conhecido nos primeiros dias do próximo mês de Agosto.

EXPOSIÇÃO DE JORNAIS DE PAREDE E DE CADERNOS DE PATRULHA

A organização do acampamento pede aos interessados neste concurso que enviem os jornais e os cadernos o mais cedo possível, pois não devem aguardar o início do acampamento para esse efeito.

INDICAÇÕES ÚTEIS

Os participantes no XIACNAC devem apresentar-se no campo a partir das 16 horas do dia 14 de Agosto ou, não podendo ali chegar nesse dia, durante o sábado seguinte, dia 15 (feriado nacional).

O endereço para a correspondência é o seguinte:

XIACNAC

Parque de Escotismo
Santo António

COSTA DA CAPARICA

O telefone do campo tem o n.º 2400185.

Últimas notícias

Morreu o Comandante Melo Machado, fundador do primeiro Grupo de Escoteiros de Portugal

Já quando este jornal se achava na impressão, chega-nos a notícia da morte do sr. Comandante Álvaro de Melo Machado, ocorrida no dia 17 deste mês.

No próximo número referir-nos-emos mais detidamente a este infausto acontecimento.

O escotismo e a protecção à natureza

Os escoteiros suecos organizaram um campo de conservação da natureza

Entre as diversas iniciativas levadas a cabo pela Associação dos Escoteiros e Guias Suecos, destaca-se uma Expedição destinada aos adolescentes.

No último Verão, uma equipa de reconhecimento visitou a localização do Campo, nas montanhas de Ammarnäs, e fez os trabalhos preliminares dos estudos ecológicos que ali se iam realizar. Pelo seu lado, os participantes neste Campo dedicaram-se, durante cinco meses, a estudos preparativos e devem ter-se reunido neste mês, em Estocolmo, para uma última sessão intensiva de três dias.

O Campo iniciou-se no dia 10 e os membros da expedição vão instalar dois campos de base, um deles situado acima do limite da vegetação.

As comunicações são feitas por rádio. Durante 12 dias, os participantes vão trabalhar, partindo daquelas bases, repartidos em cinco grupos, cada qual com um das seguintes programas: a) estudo da água e dos peixes, recenseamento dos peixes e autópsias para o Laboratório de Água Doce, análise da vida animal e vegetal na água, temperatura e limpidez da água, etc.; b) Rádio e meteorologia (responsável pelas comunicações por rádio, pela estação de meteorologia e pelo envio dum relatório diário ao instituto meteorológico e hidrológico sueco; c) Alpinismo (técnicas, geologia, etc.); d) Ornitologia (recenseamento das aves e fotografia); e) Cinema (um filme colorido de todas as actividades).

Todos participantes deverão fazer, mais tarde, um relatório para as suas escolas.

As expedições vão-se suceder, a fim de seguir a evolução deste verdadeiro «laboratório vivo».

Esta actividade é feita no âmbito do «Ano Europeu da Conservação da Natureza — 1970».

DO ENTRONCAMENTO

Grupo n.º 84

Sessão de cinema

O Cine-Teatro desta vila ofereceu mais uma vez uma sessão de cinema ao Grupo 84, dedicado a todo o seu efectivo. A sessão efectuou-se em 7 de Junho passado e foi apresentado o filme «Livre como o vento».

Excursão

A exemplo do que aconteceu no ano passado, o Presidente do Grupo ofereceu uma excursão a todos os escoteiros, lobitos e avezinhas, que se realizou no domingo, dia 21 de Junho, com o seguinte itinerário: Caldas da Rainha, Mafra, Sintra, Lisboa e Entroncamento.

Nas Caldas da Rainha, foi visitado o Museu Malhoa e a Sala de Cerâmica. Em Sintra, o Grupo visitou o Grupo 93, tendo almoçado no Parque das Merendas. O Chefe Aníbal Horta era portador de uma mensagem do Presidente do Município do Entroncamento para o Presidente do Município de Sintra, ambos antigos escoteiros.

Os lobitos do Grupo 93 entregaram lembranças aos lobitos do 84, tendo-es realizado na sede daquele Grupo uma pequena sessão em que usaram da palavra os dirigentes presentes, tendo o Chefe do Grupo 84 feito entrega de uma mensagem assinada por todos os escoteiros visitantes.

Seguidamente, o 84 dirigiu-se a Lisboa, onde visitou a sede da A. E. P. para apresentação de cumprimentos. Foi recebido pelo Chefe Lusano Leite que, em nome da Direcção, deu as boas-vindas à caravana dos Escoteiros do Entroncamento.

Exploração de Grutas na Serra de Aire

A convite do Grupo de Escutas de Torres Novas, no dia 24 de Maio o «84» tomou parte numa actividade de espeleologia, tendo visitado algumas grutas daquela região. Na Serra de Aire existem cerca de 40 grutas.

Inauguração do Salão Gimno-Desportivo dos Ferroviários

Em 22 de Junho, a convite da Direcção deste Clube, o Grupo fez a guarda de honra aos Srs. Administradores da C. P. que tomaram parte na inauguração deste melhoramento. — C.

XXV Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do centenário de Viana da Mota.

Grande senhor da harmonia,
Mente privilegiada,
Ao fulgor que o distinguia
O trabalho reunia
— Sem o qual não se faz nada.
E esse talento profundo
Junto ao esforço fecundo
Que torna grandes os povos,
Numa vida não remota,
A de Viana da Mota,
É sábia lição pra novos.

EDUARDO MOREIRA

DE CARCAVELOS

O Grupo n.º 16 reorganiza-se

No domingo, dia 21 de Junho, o Grupo 16 de Carcavelos realizou uma pequena festa no acampamento que promoveu na Quinta Nova, naquela vila. Esteve presente o sr. Eng.º Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto, os membros da Direcção do Grupo, srs. Pena Ribeiro e Wolf Karl, famílias dos lobitos e dos escoteiros e um representante do «Sempre Pronto».

Os escoteiros tinham montado o seu acampamento na véspera e realizado diversos trabalhos de campo, que os visitantes admiraram.

O Chefe do Grupo proferiu algumas palavras acerca da fase de organização que o «16» atravessa e saudou uma patrulha do C. N. E. que estava presente na cerimónia. O Chefe da Alcateia tomou então a promessa aos novos lobitos, a quem as madrinhas fizeram entrega do lenço e boina e que foram: William Alexander Stwart Themudo Gilman, guia do Bando Azul; António José Pureza Jorge, subguia do mesmo; Vítor Manuel Campos, Augusto Pedro de O. Alves da Silva, guia do Bando Verde; e Pedro Miguel S. da Cunha, subguia do mesmo.

O Chefe da Tribo tomou também o Compromisso de Honra dos novos escoteiros Douglas Stwart Themudo Gilman, Francisco Manuel B. de Azeredo Vasconcelos, José Pedro Borges Cabral, Paulo José da Silva Simões, Augusto Jorge Mateus e Mário Manuel Correia Dinis. Os dois últimos foram nomeados respectivamente guia e subguia da Patrulha Búfalo.

A terminar o Escoteiro-Chefe-Geral adjunto dirigiu breves palavras aos rapazes e o sr. Pena Ribeiro apresentou felicitações e agradecimentos em nome da Direcção do Grupo.

XIACNAC

Continuação da pág. 1

— Pode dar-nos a conhecer, ainda que a traços largos, os aspectos principais do programa dessa actividade?

— «O programa tem estado a ser elaborado por alguns elementos agregados à chefia do acampamento. Há elementos já mais ou menos assentes mas a sua elaboração definitiva está dependente de uma reunião, a realizar na próxima semana, com alguns chefes, incluindo o delegado do Norte, que tem sido o chefe do Núcleo de V. N. de Gaia, sr. Arnaldo Couto».

«Estão já previstas algumas cerimónias como: fogos de conselho, actividades escotistas, pioneirismo, competições interpatrulhas, uma excursão típica da 2.ª classe, exposição de trabalhos feitos por escoteiros, uma sessão cinematográfica, demonstrações técnicas, etc. Previram-se várias visitas, que se estão a estudar por forma a realizarem-se pelo menos duas ou três; estão igualmente previstas uma reunião de chefes e cerimónias religiosas».

«Haverá ainda bastantes tempos livres, visto que uma das queixas que se formularam em relação a acampamentos anteriores foi a de que os escoteiros que vinham de fora tinham pouco tempo livre e gostariam de dispor de mais tempo para visitar pessoas de família ou locais que lhes interessem mais especificamente».

— Considera essas queixas suficientemente significativas para influenciarem o programa ou elas vêm completar um aspecto que se entende ver considerado?

— «Sim, entendo deverem ser consideradas porque as julgo razoáveis. De resto, em acampamentos deste tipo há que ter em atenção aquilo que os rapazes que cá vêm pretendem».

«Porque há necessidade de dar satisfação aos desejos dos rapazes, procurou-se ir ao encontro desse desejo».

— Já existe alguma equipa a preparar o trabalho de Acampamento? Podemos saber os nomes dos seus componentes?

— «Julgo que, por enquanto, os nomes não interessam, embora existam já alguns elementos; mas não está completamente constituída a equipa, exactamente porque muitos só na altura poderão estar presentes e só então poderão ser encarregados de determinados serviços».

— Mas essa equipa está já a trabalhar para a realização do acampamento?

— «Bem, têm estado a trabalhar alguns elementos».

— Considera que o XIACNAC é o complemento lógico de uma actividade normal dos grupos ou mais uma vez representará um estímulo para o desejado desenvolvimento na A. E. P.?

— «Tendo sido este Nacional anunciado há alguns meses, desde Novembro do ano passado, e tendo chegado até nós a indicação de que os grupos estavam a preparar os seus escoteiros e a sua actividade para poderem vir realizar determinadas actividades de maneira satisfatória, considero que, neste aspecto, o XIACNAC será o complemento duma actividade realizada nos grupos».

«Por outro lado, será um incentivo para mostrar ao público e às Entidades as possibilidades que o Escotismo tem e, assim, poder contribuir para o desenvolvimento da Associação e do Movimento em geral».

Encerrado o tema «XIACNAC», não quisemos desperdiçar a oportunidade de ouvir algumas considerações sobre o actual momento escotista em Portugal. Foi assim que a nossa conversa com o Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto se prolongou por mais algum tempo.

— Colocado num plano de simples observador, como define o actual panorama escotista em Portugal?

— «O actual panorama é animador na medida em que os grupos surgem, aparecem pessoas interessadas e o número de escoteiros e de grupos tem aumentado. Claro que poderá dizer-se que não tem aumentado da maneira como desejaríamos, que não estarão a atingir aquele nível que gostaríamos e que nós próprios estaríamos interessados em atingir, mas isso resulta das dificuldades de pessoas para tratarem dos assuntos».

«Julgo mesmo que o interesse dos jovens pelo Escotismo tenha aumentado. Parece que isso é sintoma de que o panorama geral das possibilidades e da validade do Movimento é favorável».

— Acha que se tem procurado progredir na A. E. P.?

— «Penso que não há outra resposta possível perante o que se tem feito senão que *se tem procurado realmente progredir*. Não se terá progredido na medida em que nós desejaríamos, mas tem-se progredido pois tem-se assistido à abertura de novos grupos, atrás da abertura de novos grupos vêm mais rapazes e mais dirigentes. Enquanto isto, os grupos antigos têm mantido a sua actividade normal».

— Existe apoio oficial à A. E. P.? Como se traduz esse apoio?

— «É-nos concedido apoio financeiro e ainda o apoio traduzido em palavras de incitamento e estímulo».

— Pode dar-nos alguns aspectos concretos desse apoio?

— «As obras do parque de Escotismo foram comparticipadas pelo Estado em mais de 60% do seu custo. A concessão da utilização da mata onde funciona o parque de escotismo foi feita dentro desse mesmo espírito. Para as despesas gerais da Associação e de alguns grupos temos recebido apoio de muitas entidades oficiais, câmaras municipais, juntas distritais, juntas de freguesia, etc. A propósito do próximo acampamento nacional, dirigimo-nos a todas as câmaras municipais e chefes do distrito onde existiam escoteiros e a quase totalidade respondeu com palavras de entusiasmo; algumas concederam facilidades ou subsídios e outras que não concederam explicaram que o não faziam por falta de verba neste ano, prometendo para anos futuros».

— O nível actual do movimento na A. E. P. satisfaz à Chefia Geral?

— «Mal vai uma pessoa quando está satisfeita com aquilo que faz e que não procura ter mais e fazer melhor. Deficiências há. O nível actual é bom em alguns aspectos, noutros agrada menos e ainda em alguns outros é mau. No entanto, acho que o nível geral melhorou, sem que isso queira dizer que não se possa admitir uma melhoria relativamente fácil dentro dos nossos desejos».

— Quais os planos existentes para a melhoria desse nível e incremento das actividades?

— «Os planos têm que se fundamentar em absoluto sobre as possibilidades pessoais dos dirigentes ao nível dos grupos. Temos que saber onde se quer chegar e conhecer os meios que possuímos para lá chegar».

— E dentro do conhecimento que existe dos meios disponíveis, quais são os planos traçados?

— «Os meios humanos de que dispomos são poucos para a grande tarefa que temos de realizar. Por isso, achamos que o primeiro passo será procurar completar os quadros de dirigentes nos Serviços Centrais, nas Regiões e em alguns Núcleos.

«Além disso, e com planos mais específicos para o próximo ano, procuraremos: 1) Estimular os grupos, através das suas direcções (agora mais completas que há 3 ou 4 anos) e chefias, prosseguindo com as visitas que a Chefia Geral tem vindo a realizar aos grupos; 2) Intensificar, pelos meios de que dispomos, a formação de chefes e guias; 3) Incrementar o trabalho com os lobitos, pois essa é uma divisão que deve merecer mais atenção, pelas potencialidades que ali existem; 4) No que se refere especificamente aos caminheiros e especialmente em relação aos da área de Lisboa, procuraremos continuar a ampliar as actividades de conjunto efectuadas este ano, algumas delas quase só anunciadas; 5) Temos assistido a um incremento de actividades desportivas entre os escoteiros. Procuraremos auxiliar esse aspecto sem prejuízo do que é especificamente escotista, pois, para isso, é que somos escoteiros.

M. G.

ESCLARECENDO

Uma palestra de Mons. Avelino Gonçalves

onde se fala no reconhecimento conjunto do A. E. P. e C. N. E. pela Repartição Mundial do Escotismo

Segundo lemos no «Jornal da Madeira», Mons. Avelino Gonçalves que, com Franklim de Oliveira, foi dos principais fundadores do Corpo Nacional de Scouts, fez em Junho passado uma palestra aos microfones da Emissora Nacional, a propósito das comemorações do 47.º aniversário do Corpo Nacional de Escutas.

Em determinada altura do seu discurso, disse Mons. Avelino Gonçalves:

Passemos à terceira ida ao estrangeiro. Esta foi para o 3.º Jambori e 5.º Congresso Internacional, em Birkenhead, Inglaterra, na primeira quinzena de Agosto de 1929. A representação portuguesa era constituída por 25 escutas do C. N. E. e outros 25 da A. E. P., ambas reconhecidas conjuntamente pouco tempo antes pelo «Bureau Internacional» de Londres.

Há aqui, segundo nos parece, um equívoco que importa esclarecer. A Associação dos Escoteiros de Portugal foi membro fundador do «Bureau» Internacional e da Conferência Internacional, que hoje se designam por «Bureau» Mundial e Conferência Mundial, e foram constituídos em 1922. Não houve, portanto, qualquer reconhecimento conjunto cerca de 1929, mas sim o reconhecimento oficial do C. N. E., que hoje não seria possível visto aqueles organismos não darem reconhecimento senão a uma única associação em cada país, deixando ao critério destes a forma de se constituírem. Resulta da A. E. P. ter sido membro fundador daquela Repartição o facto do Escotismo Português ter hoje no seu conjunto essa mesma categoria.

Intercâmbio por correspondência

Dois escoteiros de Olhão procuram correspondentes

Gostariam de trocar correspondência com Guias (escoteiras) ou Escoteiros do Continente, Ilhas ou Ultramar, ou ainda de qualquer país estrangeiro, os seguintes guias de patrulha:

— José António da Silva
Rua de «O Olhanense», 9 — Olhão

— José Fernando de Jesus Martins
Rua Eng.º Duarte Pacheco, 1 — Olhão

Entre os nossos leitores haverá quem corresponda ao apelo?

CANTO DO LOBITO

O Concurso dos Lobitos



Vamos recomeçar este mês o nosso CONCURSO, dado o bom resultado obtido com o anteriormente realizado.

A pergunta deste mês é muito simples:

— QUE SIGNIFICA A SAUDAÇÃO DO LOBITO?

Como vêem, não há dificuldade. Leiam com atenção o REGULAMENTO e enviem-nos até 31 de Agosto p. f. o postal com a resposta certa.

O Regulamento é o seguinte:

1.º A resposta deve ser enviada num postal, até o dia 31 de Agosto de 1970.

2.º Deves indicar no endereço: «Jornal Sempre Pronto» — Rua Com. Freitas da Silva, 6-r/c dto. — LISBOA-3.

3.º Deves indicar também no postal o teu nome, idade, morada, número do grupo e bando a que pertences.

Falta dizer uma coisa:

Desta vez, temos DOIS PRÉMIOS! Duas lanternas eléctricas de bolso, com pilha, para levarem para os acampamentos.

Até breve e boa caça!

Pata de Lobo

Lobitismo

Caro leitor: a ti que és Lobito — como já tiveste oportunidade de verificar no artigo do mês de Jan.-Fev., o objectivo para que tu trabalhas, e outros mais irmãos Lobitos, é o mesmo para qual trabalha o escoteiro. Mas não penses que vou repetir o que já disse anteriormente, pois isso seria maçador para ti (assim como para outros leitores), mas vou sim falar-te num outro assunto que, penso — como Akelá que sou — ser do maior interesse para ti.

Certas vezes tenho oportunidade de presenciar, discretamente, uma pequena conversa entre dois rapazitos de pouca idade, sendo um deles Lobito. A certa altura, o outro, que não é Lobito, pergunta ao seu colega:

— Mas que fazes tu na Alcateia?

Respondendo o Lobito:

— Brinco, salto, corro, vou para o campo...

E o outro o interrompe logo, dizendo:

— Ora, que grande coisa, isso também eu faço sem lá andar na Alcateia.

E tu, Lobito, ficas atrapalhado sem teres qualquer argumento para lhe fazeres ver qual a diferença do brincar, do saltar, e sei lá quantas coisas mais, dele para ti como elemento da Alcateia.

Pois poderás dizer-lhe, na próxima oportunidade que tenhas, que os teus jogos são feitos de maneira a serem coordenados com as necessidades que o teu corpo tem, não só pela parte física como também pela parte do carácter, e ainda mais lhe podes dizer, que os teus jogos são instrutivos e que as idas que se fazem ao campo, não é como uma simples visita ou passagem de recreio, mas, sim, estar no ambiente da *Jangal* no qual melhor se adapta, para se tirar provas, e ainda lhe podes dizer que espécie de provas são e para que servem cada uma delas, até mesmo exemplificando-lhe.

Fazer-lhe notar, acima de tudo, que é a Alcateia (depois de teus pais e professores) que te ajuda a seguir o caminho para o futuro com honestidade e cortesia, não esquecendo também do agradecimento que deves ter para com Deus que tanta coisa nos reservou pela natureza e que muito necessário é sabermos aproveitar tão sublimes maravilhas que se nos deparam na natureza.

Não é necessário que andes sempre de papel na mão para quando tiveres que o dizer, o digas a ler pelo papel, mas é necessário sim que tenhas perfeito conhecimento e compreensão do que andas a fazer como bom Lobito que és.

Esperando o melhor acolhimento,

«SEMPRE PRONTO»

Luís de Oliveira

Reuniu-se nas Nações Unidas o Congresso Mundial da Juventude

O Congresso Mundial da Juventude reuniu-se nas Nações Unidas, de 6 a 18 do mês em curso, para assinalar a passagem do 25.º aniversário da ONU. Cerca de 700 jovens, de menos de 25 anos, estiveram reunidos para estudar, em sessões plenárias e em comissões, os quatro temas principais: a paz mundial, o desenvolvimento, a educação e a boa vizinhança entre os homens.

Os jovens (cinco de cada país membro da ONU) usaram da palavra em seu próprio nome e não como representantes do seu governo ou da sua organização.

O Conselho de Planificação, composto por treze organizações internacionais da juventude e de estudantes, elaborou uma fórmula que permite aos jovens de países que não sejam membros da ONU participar nos trabalhos do Congresso.

Do Conselho de Planificação fazem parte, além da Secretaria Mundial do Escotismo, o Conselho de Coordenação do Serviço Voluntário Internacional, a Associação Mundial das Guias e das Escoteiras, o Movimento Internacional da Juventude Agrícola e Rural Católica, o Movimento Internacional dos Estudantes das Nações Unidas, a União Internacional dos Estudantes, a Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, a Assembleia Mundial da Juventude, a Federação Mundial da Juventude Democrática, o Serviço Universitário Internacional, a Juventude Operária Cristã Internacional, a Aliança Universal das Uniões Cristãs da Mocidade e a Aliança Mundial das Uniões Cristãs Femininas.

Os Escoteiros e as Guias Unionistas da França decidiram unir as duas Associações num só Movimento

Cerca de 200 delegados das duas associações francesas — *Éclaireurs Unionistes de France* e *Fédération Française des Éclaireuses Unionistes de France* — estiveram reunidos em Dijon, em 17 e 18 de Janeiro passado, para realizar uma Assembleia Geral importante, na qual foi deliberada a fusão dos dois movimentos escoteiros masculino e feminino, de inspiração protestante, num único movimento, permitindo utilizar em comum os meios de trabalho e a experiência das duas antigas associações, bem como um melhor aproveitamento dos quadros dirigentes.

Trata-se de uma decisão histórica, que rompe com uma tradição que muitos julgam não corresponder às modernas tendências educativas, havendo presentemente em muitos países a tendência para uma colaboração cada vez mais íntima entre os ramos masculino e feminino do Movimento.

A nova associação, que tem existência jurídica desde Janeiro último, designa-se *Fédération des Éclaireuses et Éclaireurs Unionistes de France* e conta 14 000 membros.

A imprensa das duas associações, que possuía revistas para cada divisão e para dirigentes, também fez a sua fusão, publicando-se agora um órgão com mais páginas e versando temas de interesse para os Escoteiros e para as Guias.

OS NOSSOS ASSINANTES

Mais um grupo de amigos vem corresponder ao nosso apelo para novas assinaturas:

A sr.ª D. Maria José Miranda dos Santos, do Funchal, os srs. José da Conceição Gomes Marques e Jerónimo Leovegildo Carreira Camacho, da mesma cidade, José Miguelote da Costa Monteiro, de Viana do Castelo, Carlos Pedro de Vasconcelos e Silva, do Porto, Vítor Manuel Portugal Sousa Ferreira, de Lisboa, António Luís Carreiro, de Novo Redondo (Angola) e António Pereira Gonçalves, de Nova Lisboa (Angola). O Grupo n.º 36 «Diogo Cão», da AEP, de Luanda, também se tornou nosso assinante.

Os nossos irmãos escutas estão igualmente a honrar-nos com a assinatura do nosso jornal. Dois activos agrupamentos do CNE também se tornaram nossos assinantes: o Agrupamento CCLXXVI, de Matosinhos, e o Agrupamento XCV, da vila da Maia.

A todos, as nossas saudações de boas-vindas.

Outros nossos assinantes continuam fazendo espontâneamente o pagamento das suas assinaturas, facilitando assim o trabalho dos nossos serviços administrativos e evitando-nos despesas com a cobrança. São eles os nossos amigos srs. Eugénio Ribeiro Nunes, nosso colaborador e estimado assinante patrocinador, de Lisboa. Hernâni Gomes da Costa, também de Lisboa, Tenente Manuel Canhão Fernandes, de Coimbra, e Mário Vieira Dias, de Cucujães. De Angola, também recebemos as importâncias das assinaturas dos nossos amigos srs. António Luís Carreiro, de Novo Redondo, Mário Silva, de Uíge, e Alberto Pereira Gonçalves, de Nova Lisboa, bem como do Grupo n.º 36 «Diogo Cão», da AEP, de Luanda.

A todos estes nossos amigos, cooperadores dedicados deste jornal, apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

O ESCOTISMO EM ANGOLA

Grupo n.º 36 — Luanda

Direcção — Foram nomeados presidente e vice-presidente da Direcção, respectivamente os Srs. Sílvio Gomes Correia e Júlio Martins Correia.

Colóquios — Sob a orientação do subchefe do Grupo, o estudante de medicina José António Ribeiro e Cunha, têm-se realizado na sede diversos colóquios para discutir assuntos de interesse para os escoteiros, principalmente de educação sexual, tanto dedicados aos rapazes como outros dedicados aos pais.

Sede — Está concluída a remodelação da sede, agora instalada no quartel dos Bombeiros Voluntários. O Grupo está muito reconhecido pela colaboração dispensada por esta prestimosa Corporação e pelo seu Comandante sr. Henrique Geraldes, bem como pelo voluntário sr. Vasco Paulo. — C.

General Jorge César Oom

Este nosso estimado assinante teve a gentileza de nos escrever agradecendo as referências feitas no nosso jornal a propósito do falecimento de seu irmão, o sr. Eng.º Frederico Jorge Oom.

Este nosso prezado amigo revela-nos que seu irmão desempenhou o cargo de guia de patrulha do Grupo n.º 3, do Liceu de Pedro Nunes, tendo feito exame para escoteiro-chefe, quando deixou aquele estabelecimento de ensino.

"Noblesse oblige"

Não é demais demonstrar o perigo que representa para a sociedade uma juventude não compreendida pelo mundo dos adultos e frustrada nas suas aspirações legítimas. Desde que os jovens começaram a reclamar com força, e por vezes mesmo com violência, mais liberdade e tolerância, uma participação mais activa nos assuntos da colectividade e responsabilidades mais amplas, governos e organizações internacionais, outrora pouco preocupados com aqueles que consideravam como crianças mais ou menos grandes, foram obrigados a «descobrir» a juventude como facto social, como grupo que, antes e durante o processo de integração na sociedade, pode ter uma existência colectiva, formar uma sociedade jovem cujos membros não pensam necessàriamente da mesma maneira que os adultos.

O nosso movimento pode orgulhar-se de ser um precursor. Com efeito, não aguardámos as ameaças para «descobrir» os jovens e lhes oferecer uma educação complementar que se lhes não tinha dado nem na escola nem na família, uma educação correspondente tanto às suas aspirações como às suas necessidades.

Não aguardámos as barricadas para convidar os jovens a participar nas responsabilidades da educação de outros jovens e deles próprios. Não receámos correr os riscos de oferecer a participação aos jovens enquanto desprovidos de experiência e autoridade, sabendo bem que a melhor via de se tornar conscientemente responsável é exercer cedo responsabilidades. Numa palavra, o escotismo — pelo menos onde ele tem sido aplicado no espírito do seu fundador — tem preconizado, desde o seu princípio, a participação activa dos seus aderentes na edificação da sociedade.

Como acontece com os precursores, os escoteiros foram muitas vezes mal compreendidos e foi preciso aguardar esta «descoberta» tardia, mas geral, da juventude pela opinião pública angustiada para que o escotismo fosse reconhecido como método de educação moderno e universalmente aplicável.

Depois de sessenta e dois anos de êxito ininterrompido, eis que somos «descobertos», ou antes «redescobertos», reconhecidos e mesmo solicitados de todos os lados, incluindo pela toda-poderosa Organização das Nações Unidas, que nos convida a prestar o nosso concurso a fim de organizar uma Conferência Mundial da Juventude projectada para Julho de 1970 em Nova Iorque, com vista a festejar condignamente o 25.º aniversário da fundação da ONU.

É com serenidade, mas antes de tudo, com modéstia, que aceitamos a tarefa imensa e delicada que nos incumbe e, como noblesse oblige, *a nossa nova responsabilidade deve-nos incitar a uma autocrítica permanente e a uma vontade nunca enfraquecida de melhorar os nossos métodos e os nossos programas, não para sermos reconhecidos pelo mundo exterior, mas para continuarmos o nosso trabalho melhorado ao serviço daquele para quem o escotismo foi criado: o RAPAZ.*

O Secretário-Geral da Repartição Mundial de Escotismo.

De «WORLD SCOUTING»

LONGE DA ADOLESCÊNCIA

Continuação na 1.ª página

mas distâncias sòmente. Ele leva ainda a marca dos problemas próprios a todo o adolescente. Se prosseguirmos no nosso tema, o chefe de tribo não se parece a um mestre-escola ou ao cura da paróquia, ou ainda ao médico de família, ou pelo menos não deveria ser parecido com eles nem fazê-los lembrados, porque no momento mesmo em que isso acontecesse já não teria utilidade como chefe de tribo. Poderia então tornar-se chefe de clã, chefe de grupo ou comissário, funções que implicam um «sistema de relações» totalmente diferente. O chefe de tribo deve-se encontrar, e isto é imperativo, a uma distância onde é sentido como «irmão mais velho». As relações com ele não se devem processar de outra forma que não sejam aquelas que unem dois irmãos sob um mesmo tecto. Não se trata de permitir um «abuso de confiança» e de atingir a «falta de respeito» que põe em perigo a autoridade do chefe. A autoridade deve-se apoiar em fundamentos mais profundos que a «máscara severa» que muitas vezes outra coisa não faz que esconder uma falta, uma carência ou mesmo um vazio total. Quando um chefe vive a Lei e é um exemplo vivo do cumprimento da Promessa, a sua autoridade está assegurada e não tem nada a recear. Para um chefe, o facto de ser tratado por seus escoteiros com uma fraternal simplicidade é o primeiro sinal que põe em evidência a possibilidade de uma acção educativa.

O chefe de tribo é um companheiro mais velho e isso coloca-o em posição vantajosa sobre nós. Ele não é, não deve ser, um personagem que inspira receio. É um personagem que não força mas convida a seguir. Um outro factor que merece ser tomado em consideração é o momento, na existência do adolescente, em que ele faz o seu encontro com o chefe de tribo. É geralmente no momento da sua entrada no grupo ou a passagem da Alcateia, na idade de 11 ou 12 anos, quer dizer no princípio de um período interessante da sua existência.

Com efeito, neste momento, a sua capacidade de raciocínio é coisa feita. A abstracção é um processo mental de uso quotidiano. A análise e a síntese são a diástole e a sístole do que vê e do que lhe chega. Aparece então o instinto sexual que requer toda a sua atenção, que o invade e o condiciona totalmente, e exige que seja encontrado um novo apoio sobre o qual assegurar o seu equilíbrio emocional. O adolescente abre-se à vida, toma pouco a pouco a consciência do seu ser, dos seus direitos, dos seus valores; consciência da sua individualidade própria, que deve assegurar e consolidar para o integrar no mundo social.

Tudo isto não se processa sem conflito com os personagens que até então determinaram a situação «de criança». Estas figuras devem desaparecer e ser substituídas por outras que povoarão o mundo do nosso pequeno adulto. Os pais têm sido os personagens centrais da infância e são aqueles que vão sofrer os ataques mais severos. O adolescente realiza todos os dias o que os seus pais não sabem, não podem saber. Os pais são susceptíveis de cair em erros contra os quais a criança reage. Há em todo o adolescente um conflito pai-filho que se desenvolve da maneira maior ou menor, de forma mais ou menos feliz até que seja ultrapassada de maneira adequada. A adolescência é a época da falência dos padrões de parentesco.

Felizmente, neste momento, porque de outra forma o problema seria insolúvel, o adolescente é capaz de substituir os personagens centrais dos primeiros anos de sua vida. Procura nesta substituição um ideal, um modelo que seja a soma dos caracteres e das qualidades aos quais se identifica e procura identificar-se com eles. Há seres humanos, vivos ou mortos, que possuem mais ou menos as qualidades procuradas. Nasce daí o culto do herói tão característico na alma de todo o adolescente, herói desportivo ou herói guerreiro que modela a história, o companheiro admirado por sua força, por seu heroísmo e por seu poder.

É esta a época de crise dos «padrões de parentesco», a época em que se dá a busca de outros modelos para os substituir, de outros modelos que estejam mais próximos do ideal procurado, é exactamente nesta época que entra em cena o chefe de tribo.

No passado, como no presente, há sempre na vida de cada ser, alguém que ocupa este lugar, pouco importa o seu nome, o seu ofício, ou o cargo que exerce na sociedade. Durante este período de busca, o adolescente encontra o chefe de tribo — o adolescente de ontem, ser real e verídico que tem qualquer coisa para ensinar, que pode indicar-lhe um caminho para que ele tente segui-lo, que pode propor uma experiência e um exemplo; que tem a palavra tranquilizante, cordial e afectuosa.

Ser real e verídico que possui já o «perfil insinuante» duma personalidade mais definida e livre que a do adolescente. Perfil e traços que permitem que a sua imagem esteja por vezes próxima do «personagem ideal» que a sua imaginação tem criado e para a qual se projecta «o seu culto

MAS PRÓXIMO DO ADOLESCENTE

do herói». O chefe de tribo está próximo, é recebido como amigo e como exemplo. É respeitado mas não temido. Não se parece nem ao pai, nem ao mestre, nem a ninguém situado no mesmo plano.

Poderíamos falar durante longo tempo da significação e da importância que reveste a tonicidade emocional que caracteriza a relação chefe de tribo-escoteiro. Como ela permite ajudar a criança a tornar-se um homem, e como é importante este contacto com um ser que não é temido nem inacessível, mas próximo e atraente. Estas duas condições: não ser receado e exercer uma certa atracção, permitem que o laço entre estes dois seres seja de afecto, elemento fundamental de toda a tarefa educativa, e muito particularmente quando se trata da educação dos adolescentes. Desta situação afectiva, deste querer «ser como» e «se parecer a» depende a virtude criadora do exemplo. A única maneira de educar, de qualquer educação que se trate, repousa sempre num processo «de identificação de um a outro». Um mestre será esse outro na medida em que forneça um modelo que possa ser assimilado. Nós somos, qual mosaico, formados de pequenos pedaços que são todos aqueles que têm permanecido «em» nós, de todos aqueles que têm marcado a nossa história pessoal de um traço vivo.

Ser educador é ter alguma coisa a dar, que seja mais do que a lição pela palavra ou a lição tirada de um exemplo. É um processo que se faz de homem para homem, de pessoa a pessoa, de um ser humano a outro ser humano, no qual um se dá e o outro recebe. E não esqueçamos que só um adolescente alcança fàcilmente outro adolescente. Neste estádio da existência, a acção que adolescentes podem exercer noutros adolescentes é considerável. É este precisamente o caso do chefe de tribo. Relativamente responsável, o chefe de tribo encontra-se face a um grupo: a tribo. Tem, pelo seu cargo na tribo, uma função própria e específica no seio da estrutura do Movimento escoteiro. Mas se se fizer abstracção deste facto e se examinar a génese desta situação, o chefe de tribo aparece como o «*leader*» de um grupo, onde exerce uma função já muito conhecida para que seja necessário falar nela de novo. A sua acção, na qualidade de dirigente de um grupo, como personagem que reforça o grupo e cataliza a acção, é um fenómeno que não podemos estudar neste momento. Aqui e agora, queremos pôr em relevo um outro aspecto do assunto, o chefe de tribo como exemplo assimilado por cada um, o chefe de tribo como personagem com o qual cada um «se identifica».

Tentaremos agora fazer reflectir os nossos leitores na significação que reveste para o adolescente que não teve na sua infância pai de que se possa pròpriamente falar, de pai com quem se pudesse identificar, sobre o que pode significar para tal adolescente o encontro com o chefe de tribo digno deste nome. Pensamos, aqui e agora, no papel de «corrector» de falsas imagens adquiridas no decurso do crescimento do indivíduo, ou ainda no papel de «complemento» que pode exercer no mesmo sentido a personalidade do chefe. A acção educativa do chefe de tribo pode, em tais circunstâncias, ser determinante.

Nesta ocasião e como conclusão de tudo que escrevemos, queríamos deixar um longo silêncio para que os chefes pudessem meditar no que tem sido dito e aumentar a fé que põem no seu trabalho. Que eles saibam que só pela sua maneira de ser, sòmente pela sua presença exercem uma acção social importante. Um bom chefe e nada mais. Um bom chefe, bem integrado, cheio de fé e consciente da sua missão, possuindo um mínimo de conhecimentos técnicos e de saúde mental, feita da profilaxia mental e social, leva aos outros essa qualquer coisa que lhes permite desenvolverem-se, crescerem e atingirem uma maturidade harmoniosa da sua personalidade.

Se concedemos a nossa estima ao mestre e ao instrutor de educação física, aquele que, com toda a humildade, com grande generosidade, se oferece ele mesmo como exemplo e se dedica a uma tarefa que alguém assume sempre mas que ninguém está obrigado a assumir, esse deveria merecer a nossa estima no mesmo grau. O chefe de tribo tem uma acção educativa, educa pelo seu procedimento, por suas acções, pela sua vida. Ele educa só pelo facto da sua presença, porque os seus escoteiros o olham, estão com ele, se sentem semelhantes a ele e constroem a sua personalidade, apoiando-se nele. Procuram e realizam ao mesmo tempo parcialmente a semelhança que satisfaz o intenso desejo deste momento de sua existência: a liberdade de chegarem a ser eles próprios, de hesitarem perante um exemplo no esforço de se dominarem em vista de se tornarem melhores e de melhor servir.

O chefe de tribo está rodeado de escoteiros, o que equivale a dizer que está rodeado de rapazes, de rapazes que observam, de rapazes que imitam; está rodeado de seres que «querem» com a vontade mais intensa, aquilo que responde ao nome e à vocação de um «ser humano»: — pertencer à Sociedade dos homens. — *Training Information.*



O 15.º aniversário do Grupo n.º 8

No passado mês de Maio, este Grupo, da Rua Febo Moniz, festejou o seu aniversário, com desenvolvido programa de comemorações. Foram recebidas cartas de cumprimentos dos grupos n.ºs 79 e da Fraternal, tendo estado representados os Grupos n.ºs 5 e 94.

Em 17, efectuou-se um almoço de confraternização entre antigos e actuais escoteiros, a que presidiu a Direcção e teve a presença do Chefe do Núcleo B de Lisboa, sr. Lusano Leite. A reunião terminou com a projecção de filmes sobre os Jamboris da Grécia e dos Estados Unidos.

Na reunião do dia 18, foi debatido o tema «O Escoteiro e a Igreja», que avivou o interesse dos dirigentes da Igreja no estudo do assunto, com o fim a uma ajuda eficiente.

No dia 19 — Colóquio com os Pais — o caminheiro Eduardo Miragaia formulou várias perguntas a pais presentes, encarando o problema do interesse daqueles, sobre vários ângulos. Estabeleceu-se animado colóquio a que não faltou a intervenção oportuna do Chefe do Núcleo B. Projectaram-se a seguir os filmes «Prevenção de incêndios», que se recomenda pela evidência dos riscos, apesar de falado em francês, e «Escaladas», filme interessante para os nossos geólogos.

No dia 20, inquérito na rua. Os escoteiros Guilherme de Campos, Carlos Mascarenhas, José Paiva e Dinis Figueiredo, munidos de gravadores portáteis, entrevistaram uma vintena de pessoas, formulando-lhes perguntas respeitantes ao escotismo. Regista-se com agrado que, duma maneira geral, as pessoas simpatizam com o escotismo e dispõem-se mesmo a prestar a sua ajuda.

O resultado animador desta tentativa entusiasmou os rapazes que se dispõem a fazer novos inquéritos.

Finalmente, no dia 21, com a presença do Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto, Sr. Eng.º Nobre Santos, que abriu a sessão, proferindo uma palestra sobre o que é o Escotismo, procedeu-se à investidura de novos escoteiros e à entrega de insígnias de classe e de capacidade e estrelas de antiguidade.

A sessão terminou com a projecção dos filmes «A superfície do Árctico» e «O meu curso financeiro», este último, de desenhos animados e falado em português.

Um Salão Fotográfico Amador, organizado pelos escoteiros de Agualva-Cacém

Um grupo de escoteiros que se está a organizar em Agualva-Cacém, levou a efeito no passado mês de Junho o I Salão Fotográfico Amador, integrado nos festejos da IX Semana do Desporto Sintrense.

Neste Salão, estiveram também patentes ao público alguns interessantes desenhos sobre caricaturas da distinta pintora, ceramista, caricaturista e poetisa sr.ª Dr.ª Maria Almira Medina, que gentilmente quis colaborar com os organizadores desta actividade.

A exposição foi muito concorrida.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

EM 17 E 18 DE OUTUBRO

REALIZA-SE O

XIII JAMBORI DO AR

A Organização Nacional do Jambori no Ar continua a trabalhar com todo o entusiasmo para que, com a antecedência necessária, como aliás é seu hábito, tudo esteja a postos a fim de que, em Outubro, os escoteiros portugueses tomem parte no 13.º Jambori no Ar, na sua máxima força.

Os escoteiros portugueses têm uma posição a defender nesta interessante actividade em que participam escoteiros de todas as partes do mundo. Dado o excelente papel desempenhado pelos nossos escoteiros, em especial nos últimos anos, é necessário que a nossa participação não tenha, pelo menos, êxito inferior aos registados anteriormente.

À medida que tivermos conhecimento do que vai sendo executado, daremos conhecimento aos nossos prezados leitores.

Estas frequências não devem ser utilizadas senão como frequências de chamada, isto é, para os primeiros contactos, após os quais as estações devem afastar-se (QSY) para continuar as suas conversações.

Os comprimentos de onda utilizados num dado momento dependerão das condições existentes nesse momento. Porém as duas estações que a HB9S manterá em operação durante toda a duração do JOTA, estarão tão próximas quanto possível das frequências acima mencionadas e transmitirão principalmente em fonia.

A União de Escoteiros da Suécia, que se encarregou de desenhar o certificado de participação para 1970, produziu um trabalho muito moderno e interessante, que vai ser enviado a todas as associações e organizadores nacionais que os pedirem.

A Estação da Secretaria Mundial do Escotismo

A estação oficial da Secretaria Mundial vai operar num JOTA pela primeira vez!

HB9S é o seu indicativo e trabalhará, nas seguintes frequências, desde a 1 hora de sábado, 17 de Outubro, até às 23 horas e 59 minutos do dia seguinte:

Banda	CW	SSB
80/75 metros	3.590	3.740
40 »	7.030	7.090
20 »	14.090	14.290
15 »	21.140	21.360
10 »	28.190	28.990

DE MÊS PARA MÊS

O MELHOR EXEMPLO!



Hoje ninguém põe em dúvida que o vício do fumo é mal terrível, que pode estar na origem do cancro e provocar ou agravar outras doenças, das que mais afligem a humanidade. Razão tinha Baden-Powell para afirmar que o Escoteiro não fuma porque não é estúpido.

Lembrarmo-nos nós que hábito tão nocivo e tão pouco higiénico se divulga entre a gente nova pelo péssimo exemplo dos adultos! Que grande responsabilidade têm os pais, os mestres, os educadores, os ministros da religião...

Os Escoteiros-Chefes, que tanto se sacrificam pelos seus rapazes, não hesitam certamente em se privarem do cigarro quando estão na presença dos Escoteiros, se é que não conseguem libertar-se de tão funesto vício. Este seria o melhor exemplo, verdadeiramente digno de um Escoteiro-Chefe.

E se conseguíssemos restabelecer o velho princípio de que uniformizado nenhum dirigente ou escoteiro fuma? Seria afinal coisa simples para quem é capaz de tão grandes coisas.

MOURA

vai ter um Grupo de Escoteiros de Portugal

Moura, uma das mais belas vilas do Alentejo, vai ter um Grupo de Escoteiros de Portugal! A respectiva Comissão Organizadora completou já o processo de filiação, dando cumprimento às normas regulamentares sobre novas unidades dos Escoteiros de Portugal, tendo sido inscritos 25 aspirantes, 13 para lobitos e 12 para escoteiros, sendo seu chefe o Sr. Amadeu João Carrajola Neves.

A Direcção da A. E. P. reservou o n.º 28 para a nova unidade, tendo o respectivo processo subido às entidades oficiais para cumprimento do estipulado no Decreto n.º 31 908.

A sede do novo Grupo é na Praça Sacadura Cabral, n.º 31, em Moura.

«Sempre Pronto» saúda dirigentes, escoteiros e lobitos de Moura e oferece as suas colunas para mais notícias acerca da nova unidade.

O Entroncamento em acção

Durante uma visita ao Grupo Desportivo «Os Ferroviários do Entroncamento», tivemos ocasião de contactar com duas jovens, Maria de Lurdes Gama Matos e Lucília da Costa Semedo, ambas pertencentes à divisão Lobito do Grupo n.º 84, daquela vila.

A maneira entusiástica como que ambas nos falaram do escotismo, não resistimos sem trocar com elas breves impressões, pelo que lhes perguntámos:

— Que pensam do ideal escoteiro?

Responde a Maria de Lurdes:

— Não temos palavras para dizer tudo o que sentimos. É certo que somos muito jovens no movimento, mas achamo-nos atraídas por tão grande e nobre ideal e estamos esperançadas em poder dedicar-nos, de alma e coração, ao engrandecimento do escotismo.

Outra pergunta se nos proporcionou:

— Que têm feito desde que entraram para o grupo?

Desta vez, a Lucília antecipou-se e respondeu:

— Temos procurado prestar a máxima atenção a tudo, a fim de estarmos aptas a bem colaborar.

— Já entraram em alguma actividade?

Lucília continuou:

— Sim, e estamos muito entusiasmadas com os lobitos.

Após pequena pausa para saborear uma chávena de café, inquirimos novamente:

— Têm sido estimuladas e acarinhadas pelos dirigentes do 84?

— Com certeza — retorquiu Maria de Lurdes — têm sido excepcionais, prodigalizando-nos todo o amparo. Deixe-me dizer-lhe que o nosso grupo é um grande grupo, que tudo tem feito para praticar bom escotismo.

Concordámos plenamente, dado que conhecemos o bom trabalho e a dedicação do chefe Horta e dos seus colaboradores.

Não pudemos prolongar por mais tempo a nossa agradável conversa com essas simpáticas jovens escoteiras, porque o tempo não no-lo permitiu. Despedimo-nos com ardentes votos de que continuem, sempre com entusiasmo, perseverança e dedicação, a tarefa a que se propuseram, para que o ramo dos lobitos, um dos pilares do escotismo, possa ter colaboradores capazes e cheios de boa vontade.

Carlos Sequeira
(Instrutor do grupo n.º 94)

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00